

Discurso proferido na Entrega da Comenda Dois de Julho à família de Zezéu Ribeiro (*in memoriam*), na Sessão Especial de 11/06/2015, na Assembleia Legislativa

Bom dia a todos, gostaria de dividir esta minha fala em 13 partes. Inicialmente, é bom estar na Casa de Zezéu. Antes que me perguntem, sei que ele não foi deputado estadual, mas, se esta Casa é do povo, este Espaço também é de Zezéu. Gostaria também de quebrar o protocolo, de começar a minha saudação – não vou passar dos 5 minutos – homenageando a origem de tudo, a gênese: D. Jane. Se Zezéu foi o que foi, é o que é, a senhora é a responsável.

Uma saudação à Mesa, na pessoa do secretário Josias Gomes, aqui representando o governador Rui Costa; a minha amiga, deputada Maria del Carmen, presidente desta sessão mais do que justa e que também propôs esta homenagem; a D. Lola, pois se Zezéu é o que é, é porque a história de Zezéu se confunde com a sua. À senhora que, por mais de 50 anos, foi a verdadeira companheira de Zezéu Ribeiro. E quando me refiro a companheiro, quero dizer, tão somente, aquele que compartilha, que divide o pão, que sofre conosco.

Senhoras e senhores, deputados e autoridades aqui presentes, gostaria também de cumprimentar a todos na pessoa de uma bela menina que conheci chorando e lhe disse assim: "Sorria, Zezéu quer te ver sorrindo. Vanessa, você é linda".

Mas porque me referi a Zezéu no tempo presente? Trazendo aqui um provérbio indígena, Zezéu é, tão somente, porque "A pessoa não morre enquanto alguém estiver lembrando dela", assim diz o povo navajo. Também poderia dizer, notada a minha fé, na minha profissão de fé, que faço todos os

domingos: eu creio na vida eterna. Mas o que dizer do deputado, do conselheiro, do pai, do avô, do amigo Zezéu Ribeiro?

Enquanto auditor, vou me limitar àquilo que tive o prazer de compartilhar com Zezéu. Já contei essa história. Numa formatura, quando fui homenageado como professor, e ele era o paraninfo, esperávamos a solenidade começar. Perguntei-lhe sobre o metrô de Salvador, que ainda estava na fase embrionária – lá se vai muito tempo. Ele me respondeu: "Inaldo, esta obra vai dar muito trabalho. Há outras opções". O tempo mostrou. Ele estava certo.

Quis o bom Deus e o destino que eu tivesse o prazer de, muito tempo depois, em 2014, já no Tribunal de Contas, recepcioná-lo, graças à sensibilidade dos meus pares – aproveito para homenagear a todos na pessoa do ex-presidente desta Casa, hoje nosso corregedor, conselheiro Antônio Honorato, meu amigo e meu inspirador.

Findando o ano de 2014, eu, cheio de pompa, porque todas as vezes que a sessão começava Zezéu conversava comigo e eu dizia: "Conselheiro, vamos julgar 200 processos este ano". É uma média 150% superior aos últimos anos. Julgávamos 80.

Ele me perguntava: "Inaldo, e o resultado das políticas públicas, quando é que esta casa avaliará o resultado das políticas públicas?" Eu respondia: "Zezéu, isso é um sonho".

Ele dizia: "Inaldo, não se esqueça de que sou arquiteto, e a função do arquiteto é colocar o sonho no papel, e, ao colocar o sonho no papel, ele vira realidade".

Estamos nessa luta, conselheiro Zezéu Ribeiro, onde você estiver.

Comecei homenageando D. Jane. De tudo o que foi dito e escrito sobre Zezéu Ribeiro, o

que mais me emocionou foi a sua fala, D. Jane. "Zezéu foi um bom filho", ela assim disse. O que mais posso dizer? A vida tem dessas coisas.

Não poderemos mais poder cantar a música "Zezéu, vou votar em você", mas, D. Jane, jamais esqueceremos e deixaremos de acreditar no que Zezéu nos fez ver. Dividi minha fala em 13 partes.

Quem anotou pode dizer: "Você só falou 12". Como é preciso continuar caminhando e cantando sempre, parabéns à Orquestra Santo Antônio que aqui rememorou Geraldo Vandré! Belíssima! Muito obrigado a todos!